

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
 CULTURA
 DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
 EDUCAÇÃO
 MEIO AMBIENTE
 SAÚDE
 TRABALHO
 TECNOLOGIA

MEMÓRIA, ECONOMIA SOLIDÁRIA E INCLUSÃO SOCIAL DE TRABALHADORES DE RECICLAGEM DA ARREP (PONTA GROSSA) E ARPA (PORTO AMAZONAS)*

Robson Laverdi (robson_laverdi@hotmail.com)

Alessandra Izabel De Carvalho (ale.marumbi@gmail.com)

Lillian Cristina Cruvinel Torres (lillicruvineltorres@hotmail.com)

Cláudio José Piotrovski Dias (claudio.jpd.665@gmail.com)

Jheniffer Batista De Alvarenga (jhenialvarenga@ymail.com)

RESUMO– Este projeto desenvolveu dinâmicas de memória e narrativas orais, por meio das metodologias de história oral e rodas de memória, realizadas com trabalhadores de recicláveis participantes da ARREP – Associação de Recicladores Rei do Pet, de Ponta Grossa e da ARPA – Associação de Recicladores de Porto Amazonas, de Porto Amazonas, acompanhadas pela Incubadora de Economia Solidária – IESOL/UEPG. Em seu desenvolvimento promoveu a produção e interpretação narrativas orais sobre experiências individuais e coletivas dos participantes, com a audição e reflexão das vozes de seus protagonistas. Desse modo buscou promover a comunicação de memórias em encontros individuais e coletivos para registros audiovisuais focados nas histórias de vida e de trabalho vividos na cultura ordinária cotidiana. O objetivo primordial é de conhecer a riqueza e complexidade dessas experiências para desenvolvimento das atividades dessa incubadora, de modo a facilitar práticas de economia solidária e de inclusão social, a ela relacionadas. Tal abordagem assume a produção da memória de pessoas comuns como recurso de empoderamento e promoção da autoestima para os participantes, com fins também de transformação sociocultural da realidade dos grupos incubados.

PALAVRAS-CHAVE – Memória. Economia solidária. Inclusão social.

Introdução

Esse projeto de extensão visou contribuir com duas associações de trabalhadores urbanos de recicláveis, ARREP e ARPA, que se encontram em processo de incubação pela Incubadora de Empreendimentos Solidários ESOL/UEPG.

O grupo das pessoas mobilizadas em torno da ARREP existe desde março de 2010, a partir do apoio do Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, do bairro Santa Luzia, em Ponta Grossa. Após a formação em economia solidária e de associativismo os recicladores realizaram assembleia de constituição da Associação dos Recicladores Rei do Pet – ARREP, que foi fundada em 2011 por 22 trabalhadores moradores da Vila Chapada. A ARREP tem registro em cartório e se instala num barracão fornecido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. O grupo sempre passou por dificuldades, desde condições precárias para triagem do material, passando por conflitos familiares e de gênero, além é claro

* Prática de extensão vinculada ao projeto “Economia solidária, desenvolvimento territorial e tecnologias sociais no território da Incubadora de Empreendimentos Solidários-IESOL da Universidade estadual de Ponta Grossa-PR (UEPG)”, com recursos do CNPq.

de situações de moradia precária, às margens de três arroios. Este fato permanece preocupando a IESOL, pois inundações e desmoronamentos são frequentes. Os recicladores vivem no entorno de arroios contaminados da região da Vila Santa Luzia. A ARREP conta com a IESOL, com a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e com o CRAS de Santa Luzia. No momento encontra-se articulado ao projeto *Fortalecimento da economia solidária nos Campos Gerais*, parcialmente assistido com recursos da Petrobras, através de edital aprovado pela IESOL. São 30 beneficiários diretos, e aproximadamente 90 indiretos. Logo após algumas primeiras dinâmicas da extensão, a existência de muitos conflitos internos fez com que a incubadora solicitasse o encerramento das atividades do presente projeto.

A ARPA existe desde 2006, derivado do projeto “Rede Solidária: A reciclagem na cidade de Porto Amazonas”, que foi elaborado pela IESOL, através de recursos da Fundação Banco do Brasil, que forneceu recursos para a construção de um barracão de triagem e a realização de um curso em economia solidária, inicialmente para seis catadores. A Associação de Recicladores de Porto Amazonas– ARPA foi constituída formalmente em 12 de setembro de 2007, atualmente com 20 beneficiários diretos e 60 indiretos.

Em face das precárias condições de vida desses trabalhadores, a maioria vivendo suscetibilidade econômica, social e cultural, assim como a marginalização e exclusão, buscou-se nessa experiência extensionista somar-se aos esforços realizados à IESOL de melhorar a estruturação associativa dos participantes. Entretanto, na perspectiva de construir outras formas de cimento sociocultural através da valorização e visibilidade das trajetórias e experiências de vida desses trabalhadores. Nessa direção buscou articular o direito à memória como sentido de inclusão, melhora de autoestima e empoderamento dos envolvidos. Ao valorizar a cultura ordinária move-se esforços para traduzir na sociedade as muitas expressões de pertencimento sociocultural desses empreendimentos solidários. Nessa direção buscou refazer o imaginário coletivo com a história desses homens e mulheres, alijados da cidadania plena.

Objetivos

1. Somar-se aos esforços da prática da economia solidária da IESOL via o direito à memória, visando contribuir com melhorias da autoestima e no empoderamento dos envolvidos;
2. Colaborar na formação de lideranças e empoderamento dos participantes, de modo a dirimir sentidos marginalizadores e excludentes da atividade recicladora no imaginário social;

3. Valorizar e dar visibilidade, do ponto de vista patrimonial e do direito à memória, às trajetórias e experiências de vida dos trabalhadores de reciclagem para além de seus espaços imediatos, buscando construir sentidos de pertença e inclusão social, econômica, social e cultural;
4. Produzir, interpretar e publicizar narrativas dos trabalhadores envolvidos, de modo a compor acervos de memória sobre trajetórias e experiências na perspectiva da voz dos próprios sujeitos.

Referencial teórico-metodológico

A base metodológica dessa prática extensionista contou com a prática da história oral e com as rodas de memória, de modo articulado. A proposição foi a de registrar os conhecimentos trazidos pelos envolvidos, numa relação de troca de saberes e experiências entre equipe e trabalhadores. A prática da história oral se pôs como campo de possibilidades, permitindo não apenas a oportunidade de promover diálogos com os envolvidos na incubação, como também a inscrição e o registro documental de seus sentidos e significados sociais. Assim, diferentemente de metodologias de pesquisa quantitativas, abriu-se a possibilidade de produzir memórias dos empreendimentos econômicos solidários através da audição coletiva das vozes dos protagonistas. Em termos mais claros, permite a audição e o registro de sentidos forjados em trajetórias de vida e na cultura ordinária comum, entre a memória e a experiência vivida, de sujeitos e grupos sociais invisibilizados. A subjetividade apreendida não é concebida como dimensão inferior ou menor da vida daqueles que vivem situações econômicas de precariedade ou exclusão. Tomar como propósito a produção de subjetividades junto aos trabalhadores envolvidos mostrou-se um horizonte de compreensão de bases culturais e temporais das histórias de vida individuais e da coletividade. As metodologias permitiram conhecer a vivacidade das memórias de sujeitos ao viverem um no presente, do pertencimento sociocultural e à vida desigual e contraditória que reconhecem no plano da consciência.

As entrevistas foram realizadas através de rodas de memória, cuja intenção foi criar espaços de integração entre os participantes, para que os mesmos pudessem ter visibilizadas e valorizadas as suas experiências, contribuindo para a sedimentação dos esforços associativos e de empoderamentos estimulados pela incubadora. Autorizadas em áudio e por escrito pelos participantes, as rodas de memória foram gravadas e fotografadas, que em momentos posteriores serão disponibilizadas ao grande público.

Resultados

Na ARPA foram realizadas duas fases de rodas de memória e entrevista. A primeira fase aconteceu nos dias 09/09/2014, 14/10/2014, 04/11/2014 e 18/11/2014, tendo sido entrevistados 6 mulheres e 2 homens, compondo aproximadamente 6 horas de gravação para além do trabalho das rodas de memória que implicaram uma apresentação e diálogos ampliados. A segunda fase aconteceu no dia 16/03/2016. A greve na universidade nos impôs uma refeitura do calendário. Nesta fase foram entrevistados 1 mulher e 5 homens, totalizando aproximadamente 5 horas de gravação. (ver Figura 1)

Figura 1: Equipe de pesquisadores e duas entrevistadas da ARPA.



Da esquerda para a direita: Robson Laverdi, Maria Elisabete Nicolau, Elisângela Rodrigues, Alessandra de Carvalho, Lillian Torres e Jhenifer Alvarenga. Foto: Cláudio José P. Dias.

Para além da quantidade significativa de histórias de vida gravadas, vale constar a riqueza das sessões de entrevistas que foram realizadas nas sedes das associações. Para cada entrevista realizada eram expostas as intenções e a metodologia, buscando deixar as pessoas à vontade, ao mesmo tempo que buscava esclarecer os elementos da concessão gratuita dos direitos autorais à IESOL. Para esta breve apresentação, importa trazer alguns trechos de entrevista produzidos que apresentam dois sentidos comuns presentes em quase todas as entrevistas.

No primeiro exemplo, citamos Betinha, a presidente da ARPA. Na narrativa da recicladora, ela evidenciou a importância do cotidiano dentro da associação, valorizando a metodologia de trabalho que aprendeu. Por outro lado, tentou evidenciar a importância que a atividade ocupou em sua vida em relação ao desalento que vivera até então. Depois de contar uma dura trajetória de vida, que envolvia a migração, o abandono infantil, o sequestro e a violência marital, ela versou sobre o significado terapêutico da atividade de reciclagem:

Eu sou assim sabe, se eu ficar sem vir reciclar eu acho que fico doente (risos). Eu não fico em casa mais, eu não consigo ficar em casa. Tem que tá reciclando. Porque é uma terapia reciclar! (risos) É uma terapia. Tem uma moça que tava trabalhando com nós, uma loira, hoje ela foi embora pra Campo Largo, diz que ela tá pra voltar de volta. Ela tinha problema de pressão, ela curou a pressão dela aqui dentro! Ela curou! Por que é uma terapia na hora que você tá começando a reciclar. Lógico que você vê muita coisa sujo, nojento, mas é uma terapia! Você adora ficar separando os reciclado, porque ali você coloca caixinha, papel branco, misto, sabe é tudo ali. Sacolinha, cristal, então ali é uma terapia, você vai movimentando tua mente, eu acho que é uma terapia. Aqui, reciclando é uma terapia. (Betinha, 46 anos, entrevista realizada em 09/09/2014)

Separar os recicláveis, conhecê-los em sua materialidade e importância foi algo que a recicladora evidenciou. Ao se mostrar como detentora de um saber, de uma metodologia, Betinha (Figura 2) se mostrou como mulher numa refeitura da trajetória com o trabalho associativo. Entretanto, não deixou de considerar o fato de que a atividade tem dissabores, mas que não são sobressaem ao significado da vida em outro momento.

Figura 2: Entrevista realizada com Maria Elizabete Nicolau, a Betinha



De costas, da esquerda para a direita, Jhenifer Alvarenga, Alessandra Carvalho e Robson Laverdi. De frente, Maria Elizabete Nicolau. Foto: Cláudio José P. Dias.

De outra parte, outra entrevistada, Terezinha, buscou relembrar o passado anterior no trabalho das lavouras da região. Este é outro elemento importante que selecionamos. A prática associativa da ARPA, no pequeno município de Porto Amazonas, foi relatado como uma saída à situação laboral sazonal e precária. Vale constar que a maioria dos entrevistados relatou que faltam oportunidades de trabalho na região, que os obrigam a migrar para outros lugares ou se submeterem a atividades laborais de vínculos precários, a exemplo o trabalho nas plantações de maçã do entorno. Além do trabalho nas plantações de feijão e batata, vale destacar que muitos desses trabalhadores lembraram da lida em plantações de maçã na região que os pressionam a constantes deslocamentos. Assim relatou a recicladora:

Eu trabalhava assim, fora. Trabalhava na lavoura, quando tem. Agora tem a época de maçã, depois vem a colheita. E a gente ia. Agora tá aqui. Mas antes quando não trabalhava aqui ia lá, feijão, agora batatinha não tem mais. Na colheita da maçã. Daí eu falei pra turma: - Aqui você tá debaixo da casinha. Você não tá tomando sol, não tá tomando veneno na cara. Por que lá você tem bastante veneno, fruta tem veneno. Quanta gente tá morrendo por causa de veneno que tão ponhando na fruta. Falei: - Lá fora vocês tão tomando veneno. Tão no sol. Tão na garoa, porque tem tempo que a colheita apura, você tem que trabalha com chuva. E aqui não, você tá embaixo da tua casinha, você não tá tomando veneno na cara, não tá no sol, não tá na chuva. Falei pra turma: - A gente tem que reconhecê aonde que a gente tá trabalhando agora. Que não tá sugando aquele veneno que está lá. Trabalhando no sol. Às vezes, tem que trabalhá na chuva. Já trabalhei na chuva, lá fora. Amanhã, depois fica doente. O dinheiro que você ganhou lá, o quarentão que você ganhou lá, você gasta num vidro de remédio. Se é que compra um vidro de remédio hoje. Porque tá caro né? Quando tem no posto a gente pega, quando não tem, tem que pega na farmácia. (Terezinha, 54 anos, entrevista gravada em 14/10/2014)

Importa observar que a recicladora Terezinha minimiza os dissabores da lida com materiais originários do descarte. Em suas falas, e essa recicladora não é exceção, os trabalhadores relatam o fato de serem alvo de discriminações em razão de trabalharem com a separação de materiais de reciclagem. Desse modo se reposiciona em relação ao tema, considerando que pior era quando trabalhava na lavoura. Além de escassa, a atividade na lavoura extensiva impunha piores condições de trabalho. Nesse sentido, mais do que valorizar a troca na atividade, buscou considerar o fato de que a mudança de atividade, ainda que melhor remunerada, lhe rendeu mais saúde e menos despesas.

Considerações Finais

Essa prática extensionista confirmou a compreensão que tínhamos previamente, de que a audição e o registro de narrativas orais nessas associações, especialmente a ARPA em que pudemos aprofundar a interação com a comunidade, valeram como aportes de rememoração experiências de vida. Ao praticarem a voz protagonista, esses trabalhadores e trabalhadoras passaram a tomar consciência de suas trajetórias e ressignificá-las à luz dos desafios da prática associativa do presente. Ao longo das atividades de campo percebe-se que os entrevistados passaram a ficar mais confiantes em suas escolhas e valorizando a história que constroem coletivamente nas associações, a despeito das pressões e discriminações que os empurram para longe do território da cidadania.

APOIO: IESOL, UEPG, CNPQ e Petrobrás.

Referências

ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História. São Paulo: PUC/SP, n. 14, 1997.

_____. O que faz a história oral diferente. São Paulo: PUC/SP, n. 14, 1997.